



Evento: edição e nome do evento. Exemplo: XXX Seminário de Iniciação Científica.....

A LINGUAGEM COMO UM ASPECTO INSTRUMENTAL POR UM VIÉS PSICANALÍTICO¹

LANGUAGE AS AN INSTRUMENTAL ASPECT FROM A PSYCHOANALYTICAL VIEW

Daiane Luiza Lopes², Taiz Cristiane Speroni³, Tiago Zamberlan⁴

¹ Pesquisa desenvolvida no componente curricular ‘Psicanálise e desenvolvimento’ durante o primeiro semestre de 2022.

² Aluna do curso de graduação de Psicologia da Unijuí, daiane.luiza@sou.unijui.edu.br.

³ Aluna do curso de graduação de Psicologia da Unijuí, taiz.speroni@sou.unijui.edu.br

⁴ Aluno do curso de graduação de Psicologia da Unijuí, tiago.zamberlan@sou.unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento corporal e a constituição psíquica de bebês e crianças são temas estudados amplamente pela psicologia, bem como pela psicanálise. Dentre esses estudos o conceito de “globalidade psicomotora” se apresenta como foco ao ser abordado em três dimensões: a instrumental, a cognitiva e a tônico-emocional, aspectos que são visíveis e observáveis, fator que facilita a sua mensuração através de testes e avaliações (LEVIN, 1995).

A dimensão tônico-emocional diz de uma “descarga de percepção”, ideia freudiana que diz dos espasmos, do choro, do tremor, o riso e entre outras manifestações corporais, neurológicas e por vezes, reflexivas que exprimem uma emoção a ser interpretada por um outro, nomeada. Contudo, estas manifestações não são visíveis apenas a um nível consciente, cada uma delas diz, também, do inconsciente desse potencial sujeito; “a experiência psicomotora, conta com um discurso no qual opera o inconsciente do sujeito” (LEVIN, 1995, p.45).

Cada fenômeno psicomotor terá, então, uma base inconsciente e uma manifestação consciente; sendo que, os aspectos instrumentais irão dizer do funcionamento motor-desenvolvimento maturativo e crescimento do corpo em termos fisiológicos, neurológicos e biológico- e a cognição diz da relação deste corpo com o espaço, tempo e objetos. Segundo Levin (1995) a psicomotricidade se apresenta como uma articulação entre este corpo biológico e o simbólico, dando a possibilidade deste sujeito constituir-se em relação com um Outro.



Deste modo, a linguagem é entendida como um dos grandes eixos desta “globalidade psicomotora”, sendo tratada como um aspecto instrumental e cognitivo que é desenvolvido a partir de um potencial neurológico e fisiológico, mas também como o principal elemento estruturante da constituição psíquica que se apresenta, inicialmente, inconsciente e na relação com o agente materno - concepção psicanalítica que norteará a presente pesquisa (LEVIN, 1995).

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, realizada no componente curricular Psicanálise e desenvolvimento no Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Regional do Estado do Rio Grande do Sul, durante o primeiro semestre de 2022. A pesquisa bibliográfica foi produzida através de leituras acerca de autores como Donald Woods Winnicott, Elsa Coriat, Julieta Jerusalinsky, Jacques Lacan e outros que se fizeram relevantes para a reflexão a respeito da temática sob um viés psicanalítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aquisição da linguagem é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento e constituição de uma criança; é a partir da mesma que o sujeito poderá se comunicar com o outro e conhecer toda a organização do mundo. Aqui entende-se a linguagem como a capacidade de comunicação, não restrito ao ato de falar uma língua específica, mas ampliando a todas as manifestações que podem ser compreendidas por um outro e estabelecer relações. O processo de aquisição de linguagem ocorre simultaneamente com o desenvolvimento neuropsicomotor da criança desde o útero materno, onde vai além de fatores genéticos, pois, também considera os estímulos ambientais e psicológicos. A aquisição de uma língua permite à criança o entendimento do mundo ao seu redor, entretanto, cada criança terá seu tempo em relação a essa aquisição (FILHO; FÁVERO, 2019).

Como se dará esta aquisição irá depender de diversos fatores que permeiam a vida do bebê ou criança, havendo uma esfera neuropsicomotora (biológica) e outra subjetiva que engloba o meio em que se vive e a relação com os agentes primordiais. No momento em que um bebê nasce, existe a inserção em um mundo simbólico que pré-existe a esse sujeito, a linguagem já está a sua volta e deixa marcas em sua subjetividade, um exemplo disso é a



definição do nome do bebê, uma ou mais palavras que foram escolhidas pelos pais antes mesmo de seu nascimento, evidenciando o desejo da existência do bebê e atribuindo-lhe um nome próprio. Este fragmento permite evidenciar como a subjetividade os pais influenciam na constituição desse potencial sujeito, desde uma esfera inconsciente até aspectos mais conscientes, sempre mediados pela linguagem (LEVIN, 1995).

À medida que considera o inconsciente estruturado como linguagem, Lacan dá ao conceito de significante um estatuto bastante singular, considerando o inconsciente constituído por cadeias de significantes, a partir daquilo que a cultura oferece ao sujeito. Lacan considera o significante como tendo primazia sobre o significado, isto é, a organização das cadeias inconscientes coloca em primeiro plano o significante em relação à significação (PINHO, 2006. pp. 184-185).

Tendo em vista a noção apresentada por Lacan (1957-8), de que o inconsciente se estrutura como linguagem, sendo esse constituído por cadeias de significantes, que conforme a teoria lacaniana têm primazia sobre os significados, Pinho (2006) aponta para uma problemática levantada por essa formulação: a estruturação subjetiva necessita a produção de uma junção entre dois campos heterogêneos, sendo eles o corpo e a linguagem. Ao nascer, o sujeito é mergulhado em um universo de linguagem, de forma que cada criança recebe marcas singulares que se inscrevem em seu corpo, conferindo uma significação mínima, fazendo assim com que o registro simbólico, ou seja, a linguagem possa recobrir o real (o corpo). Dessa forma, para que possa emergir um sujeito desejante, que fala em nome próprio, é necessário que aconteça a sua inscrição no campo da linguagem, inserindo-se assim na ordem simbólica e possibilitando uma participação em determinada história no interior de uma cultura (PINHO, 2006).

Um bebê é uma criança, todavia, com algumas especificidades em sua estrutura pois ainda não pode utilizar palavras. Além disso, o que também diferencia-o é a sua receptividade às marcas do simbólico e os efeitos que estas marcas produzem nele. São essas marcas que permitem que o bebê saia da posição de objeto para sujeito, esse sujeito é resultado da marca do significante no real, após essa transformação se produzir, tem-se uma criança pequena e não mais um bebê. O destino do bebê vai sendo escrito em seu corpo a partir dos atos e da imagem que o adulto tem em relação a ele (CORIAT, 1999).

Antes mesmo do nascimento de uma criança, seus pais fazem a antecipação de diversas questões que estarão em jogo ao longo do processo de estruturação de seu filho. Seu lugar sexual e social são antecipados antes mesmo que possam ser exercidos devido aos



limites impostos pelo real que está em cena durante a infância (PINHO, 2006). Conforme Coriat (1999), é através do brincar que a criança tem a possibilidade de se apropriar desses significantes que a marcam, passando de uma atitude passiva para uma ativa perante a eles. Sendo assim, para Pinho (2006), a possibilidade de que a linguagem se inscreva no corpo encontra uma experiência fundamental através do brincar, não podendo se estabelecer de outra forma que não essa.

Inicialmente, tem-se um complexo anatômico e fisiológico com potencial para o desenvolvimento de uma personalidade humana, esse potencial vem como oportunidade de atualização, mas para isso, é necessário que se tenha condições ambientais, como a maternagem suficientemente boa, bem como a dependência relativa em direção à independência (WINNICOTT, 2013).

A linguagem surge através das comunicações iniciais, como por exemplo, a respiração, o hálito da mãe, as trocas de olhares, sorrisos, as batidas do coração e é a partir dessas comunicações silenciosas que a mãe vai concretizando o que o bebê deseja (WINNICOTT, 2013). A mãe apropria-se do seu bebê e da língua que o bebê utiliza para expressar-se e esse período é repleto de marcas, considerando isso, a linguagem surge somente a partir de um endereçamento, a partir de um outro encarnado que atribua significado e interpretação diante dos gritos do bebê, se a interpretação ocorreu é porque já existe linguagem. Segundo Jerusalinsky (2009, p. 68), “... a partir do saber simbólico que a linguagem lhe permitiu constituir, opere, corte e costura do funcionamento corporal do bebê levando em conta o que o afeta e fazendo borda ao seu gozo”.

Se isto atrela o bebê ao campo do Outro, para que ele possa chegar a situar-se na condição de falante, e não como um mero repetidor ecolálico do que lhe é dito, será preciso que esse desejo não anônimo opere no laço mãe-bebê enquanto um enigma diante do qual, para a mãe, o bebê se situa como sujeito que supostamente deteria um saber (Jerusalinsky, 2009, p. 68).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu a ampliação da compreensão de conceitos psicanalíticos que envolvem o processo de aquisição da linguagem como um aspecto instrumental da infância. O estudo aborda dois campos que envolvem a temática: o biológico, que diz da capacidade fisiológica, neurológica, e cognitiva que o indivíduo dispõe; e o subjetivo, que diz das relações com o Outro (agente materno) que possibilitam a inserção em um mundo simbólico



permeado pela linguagem, estabelecendo uma característica constitutiva da linguagem quando abordada sob o viés psicanalítico.

Ademais essas reflexões possibilitaram a compreensão do processo de aquisição da linguagem, cujo qual ocorre através das marcas e seus efeitos no simbólico, onde os sons reproduzidos pelo bebê vão sendo endereçados e significados e a partir disso, o bebê não vai apenas repetir as palavras do Outro, isso resulta na constituição de um sujeito imerso no mundo da linguagem. Todavia, é preciso considerar que por mais que o bebê tenha aquisição da independência, é natural transitar pela dependência novamente, mesmo quando adulto essas regressões ocorrem pois esse processo atende às necessidades de quem realiza essa movimentação.

Palavras-chave: Linguagem. Desenvolvimento. Constituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORIAT, Elsa. **Psicanálise e clínica de bebês**. In: CORIAT, Elsa. *Psicanálise e clínica de bebês: A psicanálise na clínica de bebês e crianças pequenas*. Editora Artes e Ofícios. 2ª ed. ISBN:9788585418632. 1999.

FILHO, Gilberto Bolivar Ferlin; FÁVERO, Mariana Lopes. **Como aprendemos a falar**. In: FÁVERO, Mariana Lopes; PIRANA, Sulene. *Tratado de foniatria*. Thieme Revinter. ISBN 9788554652098. 2019. P (05) - (13).

JERUSALINSKY, Julieta. **A letra como inscrição psíquica e como enigma dado a ver na superfície**. In: JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. São Paulo. 2009.

LACAN, J. (1957-8). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

LEVIN, Esteban. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1995, pp. 45-83.

PINHO, Gerson Smiech. **O Brincar na Clínica Interdisciplinar com crianças**. *Escritos da Criança*, nº6. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2006.

WINNICOTT, Donald Woods. **A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências**. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Os bebês e suas mães*. Editora WMF Martins Fontes. ISBN-10: 8578276159. ISBN-13: 978-8578276157. 2013. P (80) - (92).